

## Ainda uma Balada de Amor

Sidney Netto

A Júlio Viana da Silva Tavares

*Sim. Foi num reino imaginário  
(Meu frio verso nem traduz!)  
Eu fui seguindo o meu fadário,  
Pelo teu braço, — linda Cruz!  
Tinha nos olhos doloridos,  
Teu casto vulto encantador,  
Os meus sentidos, teus sentidos,  
Ó meu amor, meu doido amor!*

*Eu era um crente ante um sacrário,  
— Que ardente fé! que intensa luz!  
Piedoso, medieval templário,  
Um monge envolto num capuz!  
Teus gestos todos, comovidos,  
— Que gestos virgens de alma em flôr,  
Ficavam logo compreendidos. . .  
O amor! O amor! O eterno amor!*

*E hoje, assim mudo e solitário,  
O orbe da dor nos ombros nús,  
Fel e vinagre do Calvário,  
Cravos, esponja de Jesús!  
E, enfim, se clamo, aos meus ouvidos  
Nada me vem consolador!  
Tudo perdido! Os céus perdidos!  
O amor! O amor! Foi sempre o amor!*

*Como imortal cinzelador,  
Egrégio artista milenário,  
Quis lapidar a minha dor!  
. . . Cai em meio ao itinerário!  
O amor! O amor! Sòmente o amor!*